

## RESENHAS

**Amadeo, Pablo (ed.). 2020. *Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. [s.i]: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). 188 p.**

MIGUEL CARID NAVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), CURITIBA/PR, BRASIL  
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-7337-4746](https://orcid.org/0000-0002-7337-4746)

*Sopa de Wuhan* reúne escritos de quinze pensadores contemporâneos – e da contemporaneidade – de renome internacional: Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Jean Luc Nancy, Franco Berardi, Santiago López, Judith Butler, Alain Baidou, David Harvey, Byung-Chul Han, Raúl Zibechi, María Galindo, Markus Gabriel, Gustavo Yáñez, Patricia Manrique e Paul Preciado. Trata-se de um livro com dezessete textos – Agamben, com três, é o único que multiplica sua participação – divulgados originalmente em jornais, blogs e nas redes sociais em diversos idiomas e escritos em chave de ensaio e crônica no tempo próprio do acontecimento. O tempo abarcado compreende o período entre o dia 26 de fevereiro e 28 de março de 2020. O acontecimento é doença do novo coronavírus (CoviD-19), declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020.

As colaborações foram escritas, então, enquanto o impacto global dessa doença ainda era algo incerto, embora a OMS e outros especialistas já conjecturassem naquelas datas a iminente extensão planetária do vírus e a necessidade de se tomar medidas para refrear o contágio e diminuir o número de óbitos. A China, primeira em alertar sobre o vírus e a doença em dezembro de 2019, inaugurou a aplicação de medidas de confinamento e quarentena rigorosas, bem como definiu medidas de higiene e distanciamento social, proibições do contato com doentes e falecidos, etc. Pouco a pouco essas medidas passaram a se disseminar pelo mundo – não sem controvérsias – conforme o vírus SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrom*) avançava globalmente. Alguns governos, mais preocupados com o impacto econômico das regras de isolamento do que com a própria doença – como o dos Estados Unidos e do Brasil, por exemplo –, manifestaram resistência diante das recomendações científicas da OMS.

O livro recolhe, assim, reflexões elaboradas paralelamente a um grande acontecimento inconcluso – a pandemia –, em um cenário ainda indefinido, com sinais que ora foram interpretados como o prelúdio de uma provável catástrofe, ora como algo não muito diferente das epidemias de gripe comum. Para os que destacaram seu potencial de perigo fatal, diminuir seu impacto depende-

ria da aplicação rigorosa de medidas excepcionais de comportamento social, opção escolhida pela maior parte dos governos.

E efetivamente não se tratava de um acontecimento qualquer. Lilia Schwarcz sublinha que o século XXI se inaugura, de direito, com a pandemia do novo coronavírus. Ela adapta ao nosso presente a máxima do historiador Eric Hobsbawm de que o espírito de época de um século não começa necessariamente com sua virada cronológica. Às vezes um acontecimento singular reajusta a posição das peças no tabuleiro, ou proporciona, até mesmo, novas peças, conferindo o caráter marcante ao século, servindo-lhe, portanto, de estopim e “começo”.

Os autores de *Sopa de Wuhan* se encontram divididos quanto ao papel determinante do coronavírus. A maior parte concordaria com Schwarcz, outros nem tanto, pois embora reconheçam a relevância da pandemia, não a enxergam como um ponto de inflexão decisivo. Para os primeiros, o século XXI não será como o que o antecedeu, justamente a partir do coronavírus. Mas por que a pandemia? O que concretamente ela haveria de transformar?

Sabe-se que o SARS-CoV-2 não foi o causador da primeira pandemia da história, nem é a primeira pandemia que as gerações atuais tiveram de enfrentar, nem é, sequer, a primeira epidemia de SARS. Ainda há testemunhas vivas da “gripe espanhola” que em 1918 assolou o mundo, responsável por dezenas de milhões de mortes. Mais recentes foram a gripe asiática e a que ficou conhecida como gripe de Hong Kong, que entre 1957-1960 e 1968-1969, respectivamente, causaram milhões de mortes. Ainda, muitos dos que hoje são adultos lembrarão da chamada gripe aviária, a gripe A de 2009, que provocou centenas de milhares de falecimentos. A primeira epidemia de SARS aconteceu em 2003.

Logo, não foi o caráter pandêmico do novo coronavírus nem o índice de mortalidade dessa doença que lhe conferiram seu caráter diferencial. Outros fatores parecem ter pesado mais. Para os autores de *Sopa de Wuhan*, a diferença radica menos na doença em si do que nas medidas adotadas para contê-la, em suas consequências e implicações, nos novos métodos de controle. Tanto as colaborações que destacam a pandemia como ponto de inflexão para uma nova época como as que se mostram mais céticas quanto ao seu potencial transformador, situam o conjunto de ações dos governos para conter o vírus sob o rótulo bem conhecido de “estado de exceção”. Agamben, que refletiu sobre o conceito em obras anteriores, destaca três aspectos decorrentes do estado de exceção que se refletem na pandemia: o deterioro das relações sociais; a vida nua como valor supremo; e o controle jurisprudencial e biopolítico da população. Afinal, para o filósofo, a pandemia instaurou um estado de exceção *stricto sensu*: a vida, capturada pelo Estado, situada acima de tudo; o vivente abandonado ao Direito; a lei que suspende a lei e os direitos dos cidadãos com a justificativa do bem maior ou da necessidade.

A diferença entre as duas posições expostas em *Sopa de Wuhan* consiste em que para uns – na verdade, a maior parte dos autores – o coronavírus escancarou o esgotamento do sistema neoliberal e os limites das políticas do capitalismo hegemônico, preparando, conseqüentemente, um terreno fértil para sua transformação. Para outros autores – a menor parte deles – a doença revela um contexto onde o estado de exceção se mostra com toda sua força, agora expandido *intra muros*, sendo menos otimistas sobre a possibilidade de regeneração da vida social que o contexto da pandemia pudesse por si mesmo ocasionar.

Para Agamben, por exemplo, a pandemia não só impede a possibilidade de uma transformação positiva do contexto político e das relações sociais, como parece ser o laboratório que acentuará o estado de exceção, deixando como rastro para o futuro pós-pandemia a diminuição da liberdade, um curto-circuito ainda mais severo das relações de contato e uma maior desumanização.

Já a perspectiva de Žižek é a que mais contrasta pelo seu otimismo. O filósofo esloveno vê a pandemia como uma oportunidade de reviravolta contra o capitalismo e seu regime de desigualdades. A doença é comparada ao golpe dos cinco pontos – ataque mítico das artes marciais que precisa de um tempo para provocar seu efeito fatal em quem o recebe, popularizado no filme *Kill Bill 2* –, metáfora de um impasse que culminará com a implosão do capitalismo, sistema na realidade já esgotado. A proposta de Žižek seria: confiar na ciência, fortalecer as instituições globais, apostar em um comunismo matizado como modelo de referência.

Entre esses dois polos, cada autor de *Sopa de Wuhan* oferece sua leitura e vivência da pandemia, no geral apontando para o que poderá surgir a partir dela. Embora o estilo mais ensaístico das colaborações não se baseie *stricto sensu* em pesquisas acadêmicas tradicionais, pode-se reconhecer no tipo de reflexão de cada colaborador os temas e propostas que caracterizam suas trajetórias investigativas: o paradigma da exceção de Agamben; a influência das tecnologias na transformação dos regimes de subjetividade na contribuição de Preciado; as metáforas extraídas do cinema no caso de Žižek; a comparação entre Oriente e Ocidente de Byung-Chul Han; os ritmos do corpo e seu engajamento semiótico na análise de Berardi; o ativismo combativo de María Galindo, para citar apenas alguns.

Várias contribuições destacam o papel protagonista das novas tecnologias. Afinal, foi a digitalização dos sistemas de saúde e de comunicação que possibilitou o seguimento quase simultâneo da evolução da doença. Os números de contágios, mortes, casos ativos, taxa de ocupação dos hospitais, etc., começaram a ser repassados pela grande mídia imediatamente após sua divulgação pelas autoridades sanitárias. Nunca antes a cidadania em geral esteve tão bem e tão mal-informada do transcurso de uma doença como no caso do novo coronavírus. Nunca tão rapidamente. Tão bem, porque a velocidade do registro e da divulgação da informação detalhada foi verdadeiramente inusitada. Tão mal, porque hipóteses e teorias sobre a origem da pandemia, seu desenvolvimento e consequências, muitas vezes mais direcionadas por confabulações ideológicas ou objetivos escusos do que por avaliações mais objetivas, começaram a pulular na internet e na mídia mais sensacionalista. Com a rapidez e capilaridade típicas das redes sociais, a pandemia revelou uma infodemia tão contagiosa e difícil de conter quanto a própria doença.

A ciência do cálculo, capaz de registrar rapidamente os efeitos do coronavírus em nível global e de fazer projeções sobre seu possível desenvolvimento, foi acompanhada pela política do controle bio-tecno-informativo: celulares, internet, GPS, sistemas de reconhecimento facial, câmeras com medição térmica, drones, entre outros, foram postos a serviço da maquinaria estatal de ação contra o coronavírus. As polícias, e em alguns casos os exércitos, foram mobilizados para implementar e fiscalizar o cumprimento das medidas: assistíamos a uma espécie de guerra em tempos de paz, um conflito silencioso que deixava as ruas desertas, os comércios fechados, transformando cada cidadão em um potencial inimigo (ou aliado).

Em seu ensaio, Byung-Chul Han destaca a *expertise* chinesa no uso dessas ferramentas. Sem leis de proteção de dados que limitem o acesso à informação, como as que imperam em outros países, e com um sistema digital de seguimento e controle da população operativo antes do surgimento da pandemia, as ações da China se mostraram mais efetivas no controle da doença do que em países europeus, por exemplo. Por isso, para Han, talvez o estado de exceção saia da pandemia reforçado e não enfraquecido; as mudanças sociais, se acontecerem, serão consequência da mobilização cidadã e pouco deverão ao coronavírus.

Assim como a trajetória de pesquisa dos autores transparece nas reflexões apresentadas – e por isso *Sopa de Wuhan* é algo mais do que apenas crônicas ou relatos da pandemia – percebe-se também a influência dos contextos nacionais de cada colaborador em sua reflexão. Resta saber, por exemplo, se um autor que vivesse em um país negacionista – cujo governo optasse por permanecer relapso quanto às medidas excepcionais de proteção – seria mais sensível ao Estado de negação que ao Estado de exceção. E, nesse sentido, talvez não seja casual que a contribuição de Judith Butler foque principalmente as carências do sistema estatal norte-americano de saúde e os limites da perspectiva neoliberal para tratar um evento que reclama os valores da solidariedade e uma perspectiva de ação global.

Grande transformação ou extensão e fortalecimento do Estado de exceção? O que *Sopa de Wuhan* deixa claro é que a pandemia abriu um espaço imaginativo que, se não era completamente insuspeito antes dela, não contava com o aval de um evento global tão concreto, repentino e mobilizador quanto o novo coronavírus. Incluída como epígrafe inicial de seu livro *Deleuze & Guattari: El deseo y lo social*, Manuel Murillo resgata uma frase da cineasta argentina Lucrecia Martel que convém citar aqui: “Lo único real es el deseo. Y el deseo es una sopa, un caldo, donde estamos todos metidos”.

*Miguel Alfredo Carid Naveira é Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Professor Associado da Universidade Federal do Paraná (UFPR).*

RECEBIDO: 18/01/2021

ACEITO: 28/01/2021